

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

(DEPOIMENTOS)

Homenagem dos seus amigos

ABRIL - 1947

CENTRO DE IMPRENSA LTD.

NATAL

F
921
C336.5L



I-210,221-nº 7



35.482 c. l.
1947



DR. LUIZ DA CAMARA CASCUDO

Elogio de um escritor vivo

M. Rodrigues de Melo
(Da Sociedade Brasileira de Folclore)

Só os mediocres têm medo do elogio. Só os incapazes, os intelectualmente fálhos, os tibios, os desalentados, os homens sem vontade e sem energia temem a sombra do competidor intelectual. Os homens espiritualmente fortes, superiores, idealistas, sadios de corpo, alma e intelligencia, estes não temem a frieza da sombra nem tão pouco o calor do elogio. Não temem a frieza da sombra porque a sombra é uma refração da luz. Não temem o calor do elogio porque o elogio, antes de ser força negativa, perniciosa á sociedade, é força afirmativa do espirito, por conseguinte, necessaria e indispensavel, quando orientada para o bem, rumo da verdade.

Ora, falar de LUIZ DA CAMARA CASCUDO, sob os mais variados aspectos da sua actividade mental, não constitue, em hipotese alguma, um *elogio*, se com isto se quizer significar *engrossamento ou bajulação*, porque, na verdade, a sua intelligencia, a sua cultura, as suas grandes e inegaveis qualidades de *escritor*, *historiador*, *etnografo*, *folclorista*, *orador* e tantas outras, estão muito acima do *terra-terra* e do *curriculum* das igrejinhas literarias.

Se porventura fosse crime falar dos *vivos*, destacando-se-lhes as qualidades e as virtudes mais salientes e caracteristicas, então, ninguém mais existiria no mundo que não fosse *criminoso*, porque a sociedade humana, da *choupana* ao *palacio*, do *mocambo* ao *bungalow*, da *casa de campo* ao *arranha-céu*, não cessa de agitar e discutir as qualidades e as virtudes daqueles que mais de perto estão ligados aos seus ideais e ás suas sensibilidades.

Falar, portanto, de LUIZ DA CAMARA CASCUDO, estudando as facetas mais vivas e curiosas da sua personalidade, não constitue, para os que subscrevem esses depoimentos, um *elogio*, no sentido vulgar do termo, porque, antes e acima de tudo, é um ato de justiça ao trabalhador incomparavel, uma demonstração de solidariedade ao escritor desinteressado, sem estímulos, sem recursos, sem proprinas, cujas victorias, deve-as exclusivamente ao seu valor intelectual, á sua cultura, ao seu esforço pessoal, á sua abnegação, á sua tenacidade, á sua força de vontade, á sua coragem desmedida, ao seu amor extraordinario pelas letras e pelas coisas do seu país.

Este, o grande e verdadeiro sentido desta homenagem. Homenagem de amigos, bem verdade, mas, homenagem tanto quanto pos-

s'vel distante de bajulação, de engrossamento, de paixão, de egoísmos, de interesses mesquinhos e passageiros.

Porisso mesmo tem esta homenagem, e não poderia deixar de ter, um carater todo pessoal, todo intimo, no qual transparecem, desde logo, a dedicação, a amizade, o afeto, a estima que todos lhe dedicam e fazem questão de externar publicamente para que todos saibam e venham também participar dela, homenageando, assim, o maior escritor vivo do Rio Grande do Norte, cujo nome, para satisfação e gaudio dos seus amigos e admiradores, transpõe as fronteiras do Estado, tornando-se conhecido, não só no Brasil, como em varios países da Europa e da America.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO não é só o amigo dedicado que todos conhecem, prezam e admiram. E', antes e acima de tudo, o *brasileiro, papa-gerimú, norte-riograndense* de bôa têmpera, amando a terra, as tradições, a vida e os costumes do seu povo.

[Estudioso infatigavel, pesquisador de mão cheia, sabedor de mil coisas, relacionadas com a vida e o povo do Brasil, esmerilhador de fatos, divulgador de curiosidades, d'sseminador de emoções e de alegria, estuda em mil direções a vida brasileira, ligando o *passado* e o *presente*, como pontos de referencia para a nossa afirmação no *futuro*.

A sua recente viagem a Montevidéo, onde mais uma vez reaffirmou os seus grandes conhecimentos de Historia, Etnografia e Folclore, pronunciando ali importantes conferencias sobre assuntos de sua especialidade, constitue, sem duvida, um dos pontos culminantes da sua vida de escritor, jamais encetada com tanto brilho por qualquer norte-riograndense vivo, morando nos fundões da Provincia modesta e ignorada.

Por tudo isso é que o seu regresso á terra natal, não poderia passar despercebido de quantos amam verdadeiramente o Rio Grande do Norte, e desejam, sem mistificações e sem interesses subalternos, a sua projecção no tempo e no espaço, através das altas expressões de cultura e patriotismo que são, por assim dizer, o patrimonio comum da terra norte-riograndense.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO volta depois de uma curta ausencia. Volta, não, porque na realidade ele nunca esteve totalmente ausente do Rio Grande do Norte, do nosso meio, do nosso convívio, das nossas palestras, dos nossos sonhos, dos nossos planos intellectuais, das nossas atividades culturais, da nossa memoria, da nossa lembrança, dos nossos corações.

Volta, sim, apenas fisicamente, porque na verdade, em espirito, ele sempre esteve presente, ao lado da familia, dos amigos e admiradores que daqui acompanhavam com interesse os seus exitos e vitorias.

Este significa o maior elogio do nosso maior escritor vivo.

Esboço biográfico

NESTOR LIMA

(Do Instituto e da Academia)

Era meu visinho, “paredes meias”, como diria Camilo, o caro ocm-panheiro amigo, Luis da Camara Cascudo.

Natalense da gema, ele participa de todos os quadrantes e de todos os setores da capital potiguar: nasceu na Ribeira, criou-se no Tirol, reside na Cidade alta, faz verão na Areia Preta e, certo, descançará, como todos nós, no Alecrim.

Ainda não era nado o XX seculo, ele vinha á luz a 30 dezembro 1899, filho do casal do então tenente Francisco Cascudo e D. Ana da Camara Cascudo, ele oficial do Batalhão de Segurança, ela domestica, ambos de Campo Grande, hoje Augusto Severo.

Eu havia chegado, a Natal com 12 anos, a 5 de novembro daquele ano de N. S. Jesus Cristo.

Sua infancia decorreu na placidês e no conforto do lar paterno, entre a “Casa Grande,” que foi o Telegrafo, e onde está hoje o “Grande Hotel”, na Ribeira, e a Vila “Jurema”, depois “Vila Cascudo”, na Avenida Jundiá.

Dizem que aprendeu a lêr no “Tico-tico”: foi rápido, prodigioso, mesmo, na aprendizagem das letras; frequentou, depois, professores particulares, escalou o curso de humanidades no Ateneu, rumou á Baía, para o curso medico, que estudou uns dois anos. Mas, desistiu.

Não lhe agradaram as coisas de Esculapio: voltou-se, mais tarde, para a senda de Justinianus e Rui, mais adequada ao seu formoso talento.

Começou a bater na “A Imprensa”, onde, num “Bric-a-brac” apreciou a “Floral”, que fiz representar pelos alunos do Grupo Modelo, no Teatro “Carlos Gomes”, a 12 outubro 1918, 1.º aniversario do Instituto de Proteção á Infancia. Cativou-me a apreciação, fizemos camaradagem.

Enveredou pelos estudos historicos, de que se fêz consumado especialista. No Folclore tornou-se mestre abalisado.

“Bacharel”, como toda a gente,” no dizer do saudoso Junqueiro, recebeu o gráu na turma de 1928, em Recife, mas, não vive das letras juridicas.

Preferiu o professorado secundario: professor, por concurso, da cadeira de Historia do Brasil, em março de 1928, aí se manteve, para gaudio e proveito da mocidade cumulando com a direção do

Ateneu, até ser escolhido para Secretario do Tribunal de Apelação, então Côrte, em 1935.

Dirigiu, nesse interim, em 1934, a Escola Normal, onde eu era professor de Pedagogia.

Acompanhou, como delegado do Estado, a "Semana de Educação", em 1930, no Recife, Pernambuco.

Na guerra mundial, 1942-1945, foi posto á disposição da Defesa Civil da Cidade. Atualmente, está em comissão do Governo Estadual para planejar e organizar os serviços de Bibliotéca e Arquivo do Estado.

Na familia, é exemplar. Casado, a 21 de abril de 1928, com D. Dália Freire Cascudo, filha do saudoso magistrado patricio, desembargador José Teotonio Freire, e de sua esposa D. Maria Leopoldina Viana Freire, D. Sinhá, que sobrevive, ele tem a fortuna de um lar feliz com dois filhos, Fernando e Aní, e sua querida mãe, D. Ana.

Na sociedade, é elemento de alto valor: é socio do Instituto Historico, desde 27 de março 1927, e aí entrou sobraçando varios volumes de sua autoria.

Fundou a Academia atual, porque foi ele quem arrebanhou a "turma" dos academicos dispersos, em 1937, na sua residencia da ladeira Junqueira Aires, onde se fzeram as primeiras reuniões academicas.

Verdade é, porém, que só depois que o Instituto Historico franqueou as portas á Academia, na presidencia Antonio Soares, a companhia entrou em fase de vida real. Até antes, era projeto...

Ele faz parte de varias outras instituições culturais deste, de outros Estados e de outros Países; a Sociedade Brasileira de Folclore, de sua criação e que preside entre nós, o Instituto do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco, Alagoas, Paraná e Rio Grande do Sul, do Instituto Historico Brasileiro, no Rio, do Centro de Ciencias e Letras de Campinas, São Paulo, Centro de Cultura Brasileira, além dos estrangeiros, Portugal, França, Estados Unidos, etc.

A sua bibliografia é vasta e succulenta: "Alma Patricia", (1919), "Historias que o tempo leva..." (1924), "Joio", (1924), "Lopez do Paraguai (1929), "Marquês de Olinda e o seu tempo", (1938), "Governo do Rio Grande do Norte", (1939), "Vaqueiros e cantadores", "Informação de Historia e Etnografia", (1944), "Geografia dos Mitos Brasileiros", "Contos tradicionais do Brasil" (100 contos), "Antologia do Folclore Brasileiro", "Lendas do Brasil", "Os melhores contos populares de Portugal", já publicados, e "Historia do Rio Grande do Norte", e "Historia da Cidade do Natal", a publicar.

Nas suas relações de visinhança, não ha melhor visinho : nós

(Conclue na pagina seguinte)

Luiz da Camara Cascudo -- aluno primario

Francisco Ivo Cavalcanti
(Professor e Advogado)

Tinha o Desembargador Ferreira Chaves assumido o governo do Rio Grande do Norte, quando fui convidado pelo Cel. Francisco Cascudo para dar umas aulas primárias, na sua residencia, a um seu filho, que teria chegado da cidade do Martins, onde convalescera de pertinaz molestia que, quasi, lhe roubára a vida.

Morava, então, o Cel. Cascudo, na Praça André de Albuquerque n.º 588, e, ali, comecei eu as aulas solicitadas.

Cascudinho, como chamavam ao filho do Cel. Cascudo, era um menino de actividade desmesurada e, profundamente, inquieto. E tambem vontadoso, qualidade essa que era alimentada com o facto de ser satisfeito em todos os seus desejos e pensamentos, sem que os pais lhe fizessem qualquer contrariedade.

Iniciei as aulas referidas, na certeza de que aquelle meu trabalho demoraria muito pouco tempo, porque, apesar de regimento recompensado, pois, o Cel. Cascudo marcara-me a mensalidade de trinta mil reis, logo aos primeiros contactos com o aluno, reconheci a sua rebeldia, o que não se coadunava com o meu regime de mestre escolas, habituado a dar cocorotes e puxavantes de orelhas, nas crianças que eram por mim lecionadas. E isto fazer, no Cascudinho, seria um crime de leza magestade, perante os pais, especialmente a sua genitora.

E as nossas aulas começaram. A' uma hora da tarde, como, naquele tempo, eram denominadas as treze horas de hoje, chagava eu á casa de residencia do Cel. Cascudo, para, durante sessenta minutos, ensinar o Cascudinho a ler bem, escrever e contar bem.

Ler e contar bem foi por mim alcançado em pequeno espaço de tempo, mas fazer o Cascudinho ter boa caligrafia não me foi possivel conseguir.

(Continúa na pagina seguinte)

nos vemos de treis a quatro meses, uma vês, a não ser nalgumas *semanas* da Academia, ou nalguma sessão *perdida* do Instituto.

A sua historia individual é breve: assim diria a Mimi, da "Boemia". Outros dirão do seu talento, da sua onimoda actividade mental: jornalista, professor, orador, critico, historiador, folclorista, *causeur* e homem de sociedade.

Vale esta pelos meus dois "geitís da parabola do gasofilacio": foram "tirados da bôca e da sustentação do dia". (Vieira de Castro).

Porque digo o que sei: melhor dirão os outros.

O Cel. Cascudo obtem, por compra, em Tirol, a casa que foi do engenheiro Herculano Ramos, onde, hoje, é a séde do "Brasil-Clube".

Preparada a nova residencia, transferiu a familia para aquella aprazivel vivenda, de modo que já não me era possivel, dada a distancia, que a separava do centro da cidade, continuar a fazer o ensino primário ao Cascudinho.

Mas, o menino queria que eu continuasse sendo o seu professor, e, logo, ficou assentado o seguinte : subiria eu depois das duas, (hora ainda daquele tempo), e, quando o bonde chegasse ao ponto terminal da linha, tornasse á Ribeira, e voltasse ao Tirol, na sua descida, á procura da cidade eu teria terminado a aula, e tomaria o mesmo de retorno ao centro principal de minhas atividades.

De começo, tudo muito direito: ao chegar, na residencia do Cel. Francisco Cascudo, já o Cascudinho me estava esperando, em um gabinete que o pai lhe preparara e onde funcionavam as nossas aulas. Meses depois, porém, quando eu, ali, chegava, o aluno ainda dormia, e a sua genitora exclamava: "ah ! professor, meu filhinho passou a ler até alta madrugada !" E Cotinha era encarregada de acordar o menino...

Despertado, o Cascudinho aparecia-me, depois do asseio da boca e lavagem do rosto, pedindo a D. Ana, sua mãe, que lhe mandasse servir o café, convidando-me a assistir e mesmo tomar parte, na sua primeira refeição, que era constituída de uma terrina de alface, com batata inglesa e ovos cozidos e um grande pedaço de "rost-beef."

Resultado : quando o Cascudinho terminava essa refeição, já o bonde do Tirol devia alcançar-me, e eu voltava á cidade.

E, assim, passavam-se os meses. O meu aluno fazia ótimas descrições a respeito de fatos que eu lhe apontava, para servir de elementos ao seu poder imaginativo; fazia correspondencia epistolar sem qualquer defeito; e, em assuntos relativos á nossa historia, nada lhe saia da memoria.

Em um fim de mês, não me lembro qual teria sido êle, fui á Vila Cascudo, levando a certeza de que, terminada a aula, apresentaria as minhas despedidas ao aluno, que, além de inteligente, era respeitador e tinha pela minha pessoa uma particular estima, apezar de alguns "agrados" que lhe fiz.

E, assim, aconteceu. O exercicio da leitura fôra feito em um livro "Lições de Coisas", e, terminado aludido exercicio, peguei de uma tira de papel, escrevi algumas linhas depois do que, entregando ao Cascudinho o meu escrito, disse-lhe que aquilo eram as minhas despedidas, pois, o julgava com o curso primario terminado, aconselhando-o a procurar um professor que lhe dêsse ingresso, no curso secundario, propondo-me eu mesmo a lhe ministrar alguns conhecimentos, especialmente, de Matematica, que era materia de minha

predileção. O aluno emocionou-se, e essa emoção a transmitiu êle á sua genitora.

Cascudinho estudou comigo, em meu curso particular, Arimetica, Algebra, Geometria, Geografia, Historia Geral e do Brasil, e, terminado o seu curso de preparatorios, depois de haver estudado Medicina, formou-se em Ciencias Juridicas e Sociais, na Faculdade de Direito da cidade do Recife.

Passaram-se os anos. Em 1941, tendo terminado eu a minha peça dramatica "RENUNCIA", que o "Gremio Dramatico de Natal" encenou, em um dia de Domingo, entendi que a devia ler, para, sobre a mesma, ter a opinião do escritor Luiz da Camara Cascudo. Li-a, e êle felicitou-me, lembrando-me outras peças de teatro por mim escritas, algumas das quais nem me lembrava mais do assunto, porque perdi a quasi totalidade do meu "teatro."

Depois de amistosa conversa, onde, juntos tomámos um café feito para dois, o Cascudinho declarou-me desejar lecionasse eu alguma coisa ao seu filho, Fernando Luiz, de modo que êle tambem tivesse lições que lhe fossem dadas pelo seu antigo professor, hoje seu amitoso amigo e colega. Aceitei a lembrança.

Tudo combinado, Cascudinho levanta-se, vai a uma de suas estantes, tira um livro, que me é apresentado, aberto em uma de suas paginas, dizendo-me: "foi esta a ultima lição de leitura que lhe dei". E virando a derradeira pagina do livro aludido, ali, se encontrava a despedida que eu escrevera, no dia da ultima lição de curso primario que lhe dera, e que êle guardara, demonstrando que, naquela época, já o espirito do historiador existia, latente, no seu organismo de criança que, talvez, não contasse ainda a idade de dezeseis anos.

Em Agosto de 1946, por ocasião do primeiro centenario da criação da palavra FOLK-LORE, reuniu-se em Oslo, Noruega, o 5.º Congresso Internacional de Folk-Lore, no qual esteve representada a SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLK-LORE, com séde em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, na pessoa do Prof. Dr. Seamus O' DUIELEARGA, da Universidade de Dublin, na Irlanda, por autorização do seu Presidente perpetuo, Dr. Luiz da Camara Cascudo, um dos Big Five do Folk-Lore, no mundo.

Luiz da Camara Cascudo -- Professor

OTTO GUERRA
(Advogado e Jornalista)

Podemos prestar um depoimento de ciencia propria sobre o professor Luiz da Camara Cascudo.

Com efeito, com brilhante concurso para catedratico do velho Ateneu Norte Riograndense, ensinava ele, em 1928, ao 4.^o ano, de que faziamos parte, juntamente com Raimundo Macedo, Umberto Peregrino, Ivone Barbalho, João Machado e tantos outros.

Não era um desconhecido. Ao contrario, varios livros já publicára e "A Republica" frequentemente estampava seus artigos.

Ainda assim, a surpresa da turma foi grande. Era, sem duvida, um professor completo. Abria novos horizontes á mente dos alunos. Ensinava a pensar, a investigar, a procurar as razões primeiras dos fatos, a enquadrá-los dentro do mundo, não aparecendo todos aqueles sucessos, que os compendios narravam, como acontecimentos á parte na historia dos povos.

A questão do descobrimento do Brasil aparecia com outras cores. Todo o extraordinario drama da colonização, da catequese, com a dilatação da fé e do imperio, tomava feições novas, sentia-se, via-se o que ele tinha significado para a cristandade, para Portugal, para nós. Pela primeira vez, com a exposição da guerra holandesa, ouviamos falar nas celebres doutrinas do *mare liberum* e do *mare clausum*. Enfim, iriamos longe, exemplificando a nova mentalidade que se nos oferecia.

Mais tarde, tivemos-lo como professor de literatura. Tambem inexcédível. Dos classicos aos cantadores populares, tudo nos era exposto com proficiencia, com naturalidade, despertando interesse, dando gosto a novas investigações.

Não adotava compendios, não limitava terrenos. O campo era vasto, livre o aluno. Nenhum daquela turma pode negar o quanto deve a Camara Cascudo, senhor absoluto da materia, mas que ensinava como se aquilo tudo fluísse muito natural e fosse muito facil de se aprender. E, sobretudo, que, realizando o grande idéal do mestre, sahia estimular o trabalho do aluno, despertar o gosto pela iniciativa.

Formados, casados, pais de filhos, não esquecem o antigo professor, que absolutamente não chamam de velho mestre, mas de amigo, jovial companheiro.

Luiz da Camara Cascudo -- Orador

Paulo de Viveiros
(Jornalista e Advogado)

Falar de publico, com alma e atributos para convencer, fazer contagiar um auditorio daquilo que a inteligencia imagina e os labios pronunciam, eis um dom divinatorio que a criatura traz do berço e aperfeiçoa na cultura dos livros.

Não é facil improvisar-se um orador.

O individuo nasce com esta qualidade, como veio ao Mundo para os mais variados e diferentes misteres da vida intelectual.

E' orador, porque a sua missão de falar, com ele appareceu desde o seu primeiro instante da vida.

Conheço Camara Cascudo e tenho acompanhado a sua atividade mental, nos seus mais diversos aspectos.

Dele, não me surpreende a dadia de falar bem, porque, mesmo palestrando, na intimidade do seu gabinete, ele se revela um grande orador.

A palavra lhe brota com espontaneidade e naturalidade e a idéia não se perde, nem se confunde, no turbilhão das frases com que magnetisa o auditorio.

A oratoria, para ele, é o attributo com que se familiarizou e por onde faz expandir, com irradiações magnificas, a sua cultura e a sua intelligencia.

O escritor Luiz da Camara Cascudo é o unico latino, membro titular da Folk-Lore Society of Londres, a primeira na especie que se fundou no mundo, em 1878.

A Sociedade Brasileira de Folk-Lore, com séde em Natal, capital do Rio Grande do Norte, Brasil, foi fundada no dia 30 de Abril de 1941, com 18 socios, por iniciativa do seu socio fundador e Presidente, escritor Luiz da Camara Cascudo.

Luiz da Camara Cascudo -- Homem de Fé

Conego José Adelino Dantas
(Reitor do Seminário São Pedro)

Camara Cascudo, o conterraneo illustre, que todos admiramos, é um homem que, para escandalo de muitos, não se deixou atrair por umas tantas vaidades. Entre estas uma há muito sedutora, a mais elegante, talvez, no figurino intelectual de nossos dias, que não encontrou nele um ponto de apoio a mais, a avolumar o numero imenso de seus adoradores. Cascudo, como renomado intelectual que é, desconhece a vaidade da descrença. Afastou-se em tempo da massa amorfa dos letrados que se gloriam de seu nihilismo espiritual. Cascudo nunca se sentiu menos homem e menos illustre por ter procurado e encontrado na balança de sua vocação luminosa, a admiravel equação entre o valor do Pensar e o valor do Crer. Crê pensando, em plena pujança, em pleno meio dia de suas glórias intellectuais. Livrou-se, assim, da agonia mental e torturante dos que perderam ou repeliram o contato entre a Fé e a Cultura. Na sua brilhante excursão pelos campos dessa mesma cultura, ele ainda não encontrou, como tantos dizem ter encontrado, aquella linha divisoria, a separar como incompetíveis os dominios do Dogma e da Ciencia. Cascudo nunca enxergou qualquer incompatibilidade entre a Verdade e a Luz. Homem do Evangelho e Homem dos livros, Cascudo se integraliza num mesmo plano de valorização humana. Vive da Fé servindo ao Intellecto e proclamando o Primado eterno do Espirito. Saúdo, pois, como amigo e Sacerdote, o querido conterraneo, que retorna da jornada de Montevidéo á sua estremecida Potiguarania, mais admirado e mais acreditado ainda por todos aqueles que, como eu, não se cansam de fazer justiça aos seus reais meritos de homem de Letras e de homem de Fé.

Graças ao esforço do escritor Luiz da Camara Cascudo, Presidente da Sociedade Brasileira de Folk-Lore, conta esta hoje, com imensa irradiação por todos os países da America e da Europa, já tendo merecido elogiosas referencias por parte das mais altas autoridades no assunto.

Luiz da Camara Cascudo na intimidade

JANUARIO CICCIO

(Medico e Escriitor)

Ninguem mais suspeito do que eu, para falar do escritor Luiz da Camara Cascudo, o Cascudinho, como sempre o chamei, pois quero-lhe muito bem, e os seus defeitos não os notei nunca.

Conheci-o ha muitos anos, quando o seu pai e meu grande amigo pediu a minha dedicacão profissional, para cuidar de uma grave infecção tifica, que prostou o Cascudinho por longos quarenta dias; e daí veio-me uma duradoura afeição pelo então menino, que já era uma esperanza nacional. Desse tempo até hoje, venho acompanhando a evolução cultural e espiritual do famoso escritor, e o admiro tanto mais quanto a nossa amizade está presa a uma mutua sinceridade.

O regresso de sua viagem ao Uruguai, onde foi representar o Brasil num Congresso de eminentes historiadores, é motivo agora de justa alegria para os seus amigos, entre os quais fui escolhido para dizer da sua vida intima. Ora, a intimidade do lar é indevassavel, e falar da vida privada de um amigo é revelar o que ele tem de mais seu, no convivio da familia e no recesso das suas predileções. Luiz da Camara Cascudo, o escritor, o literato, o folclorista, o historiografo, o pensador, foi revisto pelos que o admiram na projecção da sua grande intelligencia. Os seus admiradores, principalmente aqueles que lhe são mais afeiçoados, e, por isto mesmo, o apreciavam atravez da sua sensibilidade, habituaram-se ás vibrações do seu amor pela familia, aos carinhos que distribui á sua veneranda mãe, ao afeto á sua querida Dalia, esposa docil e companheira de todas as horas e ao zelo pela educção dos seus dois filhos.

Sob este aspecto, é elle bem semelhante ao seu inesquecivel pai, que o prendou de uma riqueza cultural das mais brilhantes, sacrificando tudo pela formação espiritual do seu unico filho, que é o escritor Luiz da Camara Cascudo.

Na modestia do seu honrado lar, o Luiz, como é tratado em familia, é todo simplicidade. Amante das Artes e do Bêlo, não lhe rói a alma o virus danoso da Inveja, porque não habita um palacio cheio das télas de Boticelli, Rembrandt, Rafael, ou de Murilo; mas tem na sua vastissima biblioteca a sabedoria dos classicos do conhecimento humano e a felicidade de entende-los.

Lendo e estudando sempre, reserva o escritor Luiz da Camara Cascudo, preferentemente, as noites para os seus grandes traba-

(Conclue na pagina seguinte)

Luiz da Camara Cascudo -- Pesquisador

Ruy Moreira Paiva
(Diretor d' A Republica)

Uma das facetas mais apreciáveis do espirito de Luiz da Camara Cascudo é a sua curiosidade de pesquisador. Todos os que lêem os escritos do grande intelectual conterraneo, apresentam significativamente o seu trabalho de trazer á geração moderna a desvenda das historias que o tempo levou. E poucos como Camara Cascudo têm a felicidade de oferecer á percepção de seus leitores, numa linguagem escoreita e sobretudo agradável os conhecimentos de sua alta cultura, notadamente nos casos controvertidos da nossa historia que ele sabe esquadrinhar no afã irreprimido de iluminar a verdade.

O Rio Grande do Norte admira e exalta este historiador que conhece em suas minucias, em seus resquícios, todos os angulos de sua formação, desde a tábua dos indios. Dele se poderia dizer tambem que é norte-riograndense de mais de quatrocentos anos, pois Camara Cascudo já aqui estava em pensamento quando em suas cercanias assomaram os colonizadores.

Posso dizer, como norte-riograndense naturalizado pelo afeto e pelo coração, que foi através de Luiz da Camara Cascudo, pesquisador intemerato, incangavel, trabalhador indormido á cata de tesouros perdidos ou esquecidos, que conheci melhor o Rio Grande do Norte. Não

(Conclue na pag'na seguinte)

Ihos, levando até alta madrugada na elaboração das suas notaveis obras.

Os dias, consagra-os á familia, aos amigos e á sua vida publica. Sempre risonho e afavel, a ninguem nega a colaboração do seu saber, acolhendo a quantos o procuram, com o coração transbordante de alegria e a bôca cheia de anedôtas farfalhantes de bom-humor. Mas essa claridade espiritual desaparece subitamente, mudando-lhe a expressão em carrancuda fisionomia, si a doença acomete a qualquer pessoa de sua familia, ou a de um dos seus melhores amigos; e, então eis aí o sentimentalista, o afetuoso, mandando logo os livros ás favas, para só cuidar dos seus, ou dos seus intimos.

Nenhum traço do seu psiquismo é mais forte do que esse que o nivêla aos homens de imenso coração.

Para os seus biografos, vale esta sentença: Luiz da Camara Cascudo, na intimidade, vive para a intelligencia e para o coração.

A Popularidade de Cascudinho

Clementino Câmara

(Da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras)

PENSAMOS não ser tarefa muito facil algo escrever a respeito de pessoas vivas. Raramente somos bem compreendidos. Nossos pensamentos são mal interpretados. Por outro lado ha o sentimento affetivo, que não raro se sobrepõe e por vezes suplanta a idéja dominante.

No caso em apreço, porém, tudo se passa de modo diferente. Não se faz mister turiferar.

Qual será, porventura, o natalense que desconheça Cascudinho?

Menino, era falado na Natal burguesa, sonolenta e pequenina das duas primeiras decadas deste seculo, pelo aprimorado carinho, e destacada educação que lhe proporcionavam seus pais. Dizia-se que sua educação era principesca. Muito cedo enveredou pela afanosa vida da imprensa, explorando particularmente assuntos regionais, tão ao sabor dos velhos que reviviam o passado, como dos moços, ávidos de natural curiosidade pelas coisas da terra comum, ainda semi-vingem da praga do futebol — única, pulha e inutil preocupação do cartaz do dia.

Gerou-se-lhe assim a popularidade.

Seu laurel na academia de direito teve menos expressão para o renome que hoje desfruta do que a admiração de que se fez credor de todos, em função do que lhes tem dado. O seu pergaminho, de que ele proprio menos fala para com orgulho referir-se ao seu *metier* de professor, o povo como que olvidou, para chama-lo de um

(Continua na pagina seguinte)

é um avarento, mostra-os a todos nós, sorrindo e conversando com orgulho que não é vaidade e sim o acendrado amor ao torrão natal.

Tanto é assim que sendo incontestavelmente um nome de prestigio continental, Cascudo só se sente feliz em sua terra; no convivio de seus amigos, que considera e estima, auscultando as aspirações de seus conterraneos; na azáfama de seu gabinete de trabalho onde os livros se espalham e se confundem pela sequencia interminavel das consultas, dos estudos, quotidianos. Na admiração das reliquias valiosas ou insignificantes para outros, mas sempre queridas e enamoradas por ele. E é assim o insigne Luiz da Camara Cascudo, illustre em toda parte para onde irradia a exuberancia de sua intelligencia, mas que somente em Natal sabe viver, para gaudio do Rio Grande do Norte.

medo mais aproximado e mais intimo, simplesmente *Cascudinho*. O titulo de doutor é cerimonioso, mas o nome *Cascudinho* é familiar. E assim êle será tratado ainda que se torne macróbio.

Seu *penchant* natural fê-lo não sómente restaurar e mesmo re-habilitar certas figuras de antanho, como Cipriano Barata, o Marquês de Olinda, o Conde D'Eu, como traduzir e paciente e cuidadosamente anotar o livro de Henry Koster, que nos leva a perguntar o que tem mais valor — se o livro propriamente dito, ou se as notas que lhe apôs.

O folclore é a sua sedução. Perquirindo-o com a ansia de um sedento, em todas as fontes de aqui e além-mar, comparando-o, deduzindo-o, deu-nos êsses admiraveis trabalhos que são, além de outros, *Vaqueiros e Cantadores, Antologia do Folclore Brasileiro*.

Garimpeiro de nova espécie, não se contentou apenas em descobrir as coisas desta cidade já quase desaparecidas na voragem do tempo. Foi além. Viajou os sertões. Viu; indagou; interrogou os velhos; venceu a poeira e dominou as traças, mas trouxe dos arquivos para a luz meridiana figuras e fatos para as *Actas Diurnas* cujo desaparecimento tanta falta causaram.

Infelizmente, porém, como a nossa gente prima e prima muito pela aversão á leitura, pode-se afirmar que *Cascudinho* escreve para os outros, para o estrangeiro — daí a projeção do seu nome lá por fóra, como poucos têm conseguido. Conquistou justo renome, mas não popularidade. Natal não lhe conhece a obra.

Na intimidade, a mocidade tem dêle sempre ardorosa e encorajadora a palavra fluente e categorica, sem, todavia, a pretensão do *magister* infatuado ou conselheiral. Nós outros, a quem indistintamente trata por *companheiro*, a palestra sadia do *causeur* inesgotavel, de memoria assombrosa, com o indispensavel condimento da anedota leve cheia de bom humor.

O que constitue propriamente a popularidade de Luiz da Camara Cascudo foi a demorada e paciente *enquete*, que realizou junto aos velhos — Chico Billo, Fausto Leiros, Luiz Taumaturgo, Panqueca e tantos outros — fontes vivas do tempo de Natal, quando existia o Canto das Jangadas, onde o cidadão ia á tarde comprar o cangulo, o dourado, a cavala ou o pirá para o jantar, porque então se almoçava, jantava e ceia; o Cais de Pedro de Barros; o estaleiro de construção naval de Mestre Felipe; a rua do Triunfo com a sua vida airada, o cimbão de *seu* Lino, com o jogo de malhão que divertia os rapazes; e o velho Anacleto, subdelegado arbitrario, que por qualquer dá cá aquella palha mandava Joaquim, sua ordenança *meter* o facão no preso. Sim, é dessa Natal de Alexandre que mata a Hamburguesa, sua comadre e põe-na no fundo do Baldo presa a quatro pedras; das fo-

Luiz da Camara Cascudo -- Estilista

Otoniel Menezes
(Poeta e Jornalista)

Apezar de toda a nossa simpatia pelos autenticos valores "modernista", não podemos voltar as costas por completo ao passado, pois ele teima em manifestar-se em muitas das mais substanciais aquisições e exteriorizações da nossa personalidade.

E não deve ser, a literatura, como tão bem a define o modernissimo escritor de *Jornal de Critica*, "uma atividade a que se deve consagrar toda uma existencia, vendo-a como uma realização do espirito, capaz de exprimir a fisionomia dos homens e o carater das sociedades; capaz de ser a imagem, a representação e a alma de uma nacionalidade, pela sua natureza ao mesmo tempo psicologica e sociologica" ?

Como executar honestamente e satisfatoriamente essa tarefa, vestido e calçado de asbesto, no bôjo devorador da subversão artistica, isolado da electricidade terrestre, matando de contenção, no esforço da exegese, aos que têm o direito de esperar alimento facil e sadio para o espirito?

Ha, irrecusavelmente, paladares e sensibilidades que afinam á maravilha pela nova estetica. A harmonia dos mundos — e do nosso mundo, tambem — se processa por miriades de desharmonias, de contrastes, de dissociações, de metamorfoses, em todas as manifestações, tanto as fisicas quanto as animicas, e isto é o que faz a transcenden-

(Continua na pagina seguinte)

gueiras sanjuanescas nas portas das principais casas de familia, na rua Grande; do entrudo de cuia de agua e maizena; das lapinhas de João Moreno e Antonio Elias; dos Congos do rei Cariongo e da rainha Ginga — "mulher de batalha que tem duas cadeiras e roda de navalha" —; Natal das Limpas e da Lagôa de Jacó onde a rapazeada ia tomar banho aos domingos, pois os banhos de mar só eram aconselháveis para a saúde; Natal das corridas de bicicleta; dos bródios ao luar; do Boi-Calemba que dansava a primeira vez na porta do chefe de policia, para verificar-se se o Mateus e o Laláia nas suas pilhérias não tocavam ás ráias do rebarbativo; Natal tão politicamente suja como hoje, onde desembargador e jornalista apanhavam á luz do dia.

E visto que tudo isto dá um manjar espiritual muito delicioso que nem a todos é dado o condão de prepará-lo, vem daí para nós, até que tenhamos prova em contrário a popularidade de Cascudinho.

cia, e a grandeza da vida, nos seus dois planos ponderaveis á nossa modesta percepção humana.

Devemos esperar alguma cousa, relativa aos nossos vivazes anseios de sabedoria e de paz, desse rumoroso cangirão de alquimistas da modernidade, agora alvoroçados em busca de formulas novissimas já em plena equação no *invenccionismo*, movimento que vem da Argentina, noticiado no Brasil por Carlos Drummond de Andrade (Página literaria do JORNAL DO COMERCIO, do Recife, de 8 deste mês).

Já não convém considerar, depois de *Macunaíma* e *Historia da Musica*, e tão auspiciosamente, a contribuição de um Manoel Bandeira, de um Jorge de Lima (com *Essa negra Fulô*), do poeta de *Rosa do Povo* ?

Prescindindo, preliminarmente, da consideração de "estilo", que, a rigor, não existe na obra de qualquer desses corifeus, ela constitue não há negar, persuasivo convite a esperanças otimistas, da parte de nós outros, devotos de Flaubert, de France, de Baudelaire (tão citado pelo sr. Alvaro Lins), de Eça de Queirós, retardatarios que ainda nos preocupamos com a côr, com a musica, com a alma, com a magia que é a substancia sobrenatural das palavras *Le mot createur*. (*C'etait a Mégare, au mois du Nizan, dans les jardins d' Amílcar...*).

Ensina-nos, de resto, a Historia que, ao final das contas, antigos e modernos nos encontraremos, distribuido a cada qual, acima de métodos, formulas, doutrinas, escolas, partidos, de galardão inelutavelmente reservado, pela posteridade — e é esta quem diz a ultima palavra — a quem quer que trabalhe com sinceridade e com fé, para construir aquele mundo, a que se referia D'Annunzio, "perpetuamente a crescer em força e beleza, dádiva dos que receberam do destino a generosa tarefa de pensar."

Sustentar sua posição, enquanto na consciencia de que somente ella corresponde ao seu conceito individual dessa tarefa, eis a unica attitude digna do que razoavelmente se permite presumir de "caniço pensante." Nesta tese, cremos que esteja sympathicamente explicada e justificada a ação "modernista". E a nossos, aliás.

Continuamos, assim, bem ou mal, dentro do plano literario em que luta, sonha e constrói a nossa geração, da qual é radioso expoente Luiz da Camara Cascudo. Este, persistiu galhardamente fiel ás inspições da sua formação artistica, um largo, profundo e cordial ecletismo literario, sem vigílias sobre Antonio Albalat, patacoadas de Camilo, casmurrices de Candido de Figueirêdo. Um doce, sorridente, meio desencantado humanismo, através de escritores e poetas francezes — o feiticeiro de *Ile des Pingouins*, todos os livros de Flaubert, o Verlaine de *Sagesse*; através de Ramalho e Eça (este, sobretudo). Interminaveis tertulias, das quais tivemos a honra de participar muitas vezes, naquele historico e inesquecido casarão do Tirol,

entre garfadas olímpicas no bacalhau á portugêsa e berros de apoio ou controversias a conceitos de Fradique, de João da Ega, de Carlos da Maia; *A Reliquia* e *O Mandarim* lidos de um folego, tres, quatro horas a fio, revezando-nos, os dois, naquele amoroso, consciencioso delectrac do "pobre homem da Povoá do Varzim."

Dispersou-nos, logo depois, miseravelmente, esta vida miserável, que arrastam aqui, no "Trampo'im da Vitoria", todos os que continuamos a fazer de Rocinante o unico meio de transporte, quando anda tudo tão apressado, sem nenhum daqueles transcendentais motivos que justificavam, no Cavaleiro da Triste Figura, o sangue e o suor derramados na lide...

Deixámo-lo com aqueles adoraveis companheiros de suas vigílias desse tempo, e não sabemos de outros, que tão salutarmente lhe hajam vincado o estilo. A não ser que a leitura em inglês, idioma cujo dominio adquiriu muito depois desses anos de nossa convivencia, e que lhe tem permitido familiarizar-se amplamente com a moderna literatura norte-americana, haja modificado, no seu estilo, aquelas primeiras influencias, tão sensíveis, quando é o cronista, o maravilhosos cronista, que aparece, na sua famosa coluna da *Acta Diurna*. Modificação, prossigamos com franqueza, que não poderia ter deixado de vulnerar, a fundo, a beleza peculiar á esplendida *manière* revelada por esse poderoso evocador, esse vitalizador sutil, colorista rembrantêsco, animando quadros a pulular de luz e cambiantes gentilissimos, Aladim na camara de cinzas da Historia, da lama canalha da anedota trazendo ceramicas de Tanagra e orquideas immaculadas; fazendo justiça aos herois, deixando em pez a soberba aos tolos, descobrindo bondade nos homens, a verdade perdida nos labirintos da lenda...

De resto, nesta agoniada tentativa de interpretação, em luta com o demônio da sintese, sem um livro do extraordinario prosador para compulsar, violando, brutalmente, a determinação do espaço que nos foi reservado, urge nos desinteressar do estilo do historiador, que se encontra ainda em plena beleza, *selon* Eça de Queirós, em muitas de suas paginas nessa atividade literaria; mas, sobre o qual, bem se vê, não nos poderíamos demorar. Receíamos, a proposito, não esteja o grande escritor, a esta altura, quando se deu á faina sobrehumana de escrever um *Dicionario de Folclore*, inclinado a achar razoavel, para contar Historia ou *estórias*, o estilo da nova-escola do Recife. Como si fosse indispensavel, para servir-se á Democracia, que é o tema da mode, descoser de tal maneira o estilo, que nada esteja valendo, para condigna defesa dos postulados, pelos quais morreram Garcia Lorca e Romain Rolland, o que escreveram Ruy Barbosa, Quintino, Euclides, o proprio Pompéia, José Americo...

Exaltemos, no autor de *João, de Alma Patricia*, no ourives flaubertiano e humanissimo de *Acta Diurna* — a parte de sua vigorosa

obra que mais decisivamente lhe caracteriza o *tonus* artístico — , a gloria de oferecer, passo a passo, na cunhagem da sua limpida moeda, paralelo com a do grão-senhor do cinzel, desincarnado ha meio seculo, entre um raio de sol matinal e o perfume das tilias de Paris, e cujo impavido monoculo ainda chispeia de todas as paginas que filigranou, no ouro mais extreme — um guapo, ironico, eugênico triunfador, no meio da modernidade alvoroçada com a magnifica presença do indetronavel *revenant*, rindo dessa procura panica do inacessivel absoluto das formulas, no imponderavel do tempo e do espeço...

E rematemos com um cotêjo bem intuitivo, quasi estatístico, em dois excerptos colhidos ao acaso :

"A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecimento de folhagem. Do lado do mar subia uma maravilhosa côr de ouro palido, que ia no alto diluir o azul, dava-lhe um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce, e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Todos os rumores tomavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contorno se movia, como na imobilidade de um extase. E as casas, voltadas para o poente..."

Isto é o velho Eça.

Com o mesmo numero de palavras, escreveu Camara Cascudo, *sur les genoux*, de uma prosaica viagem ao sertão :

"...O olhar se espraia, intérmimo, naquele cenario verde-lôdo, pesado e mórno de fecundidade. O companheiro fazia parar o auto, empolgado com a paisagem absorvente. Até os claros horizontes distantes, denso, maciso, compacto, agitando as palmas hirtas, como leques de cerimonia oriental, surdejava o mar montante dos carnaubajs. A aragem fria da chapada descia, silvando, para o cadinho ardente, onde uma população alacre e viva se fixara, para existir com a vida daquelas arvores asperas e lindas."

Isto é Arte, e assim se constróem as obras eternas.

Há cem anos, no dia 22 de Agosto de 1846, a revista ATENEU de Londres publicava pela primeira vez a palavra FOLK-LORE, num artigo do famoso arqueologo WILLIAM J. THOMS.

Luiz da Camara Cascudo, um dos big five do folk-lore mundial

R. de M.

Natal tem uma grande dívida a saldar com Luiz da Camara Cascudo. Esta dívida não tem preço porque excede os limites do valor no sentido propriamente economico ou monetario. Esta dívida é sobretudo de ordem moral e intelectual. Para o seu resgate exige-se apenas um pouco mais de compreensão e de bôa vontade da parte daqueles que têm o dever moral de compreendê-la, de justificá-la, de salda-la, retribuindo-a na medida do esforço e do sacrificio do seu credor.

Luiz da Camara Cascudo representa na historia da cultura norte-riograndense uma *excepção*. *Excepção* no sentido mais alto e superior, no sentido de construção e de realização dos valores mais positivos e reais da tradição potiguar. A sua cultura, os seus estudos de pesquisa, os seus trabalhos de folk-lore e etnografia visam, sobretudo, a reconstituição do passado naquilo que o passado tem de realmente vivo e honesto para restauração do pensamento e da idéia que informou desde os albores da nossa formação, a vida e a historia da nossa terra e da nossa gente.

Porisso mesmo é que ninguém de bôa fé poderá deixar de reconhecer no autor do MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO aquelas virtudes, aquelas qualidades, aquele valor, aquela importancia que os maiores criticos do país e do mundo têm lhe atribuido em ensaios de penetração critica, e de aguçada intuição mental.

Para comprovar esse fato será bastante lembrar a repercussão que têm tido os seus estudos de Folk-Lore espalhados por toda parte, recebendo os aplausos das mais altas autoridades no assunto, não só no Brasil como na America e na Europa.

Recentemente, a Sociedade de Folk-Lore da Irlanda, elegeu-o membro titular do seu quadro social, classe em que até há pouco só figuravam os quatro maiores folk-loristas do mundo, perfazendo agora o numero de cinco com a inclusão do nome de Luiz da Camara Cascudo. Os quatro anteriores são Archer Taylor, americano, Stith Thompson, americano, Reider Christiansen, norueguês, Wilhelm Von Sydow, suéco. 'O quinto, portanto, recentemente eleito é o papa-gerimú Luiz da Camara Cascudo, brasileiro, norte-riograndense, vivendo e residindo á Rua da Conceição, em Natal, capital do Rio Grande do Norte.

E', portanto, o nosso Luiz da Camara Cascudo um dos *Big Five* do Folk-Lore mundial, isto é, um dos cinco grandes folk-loristas do mundo.

Luiz da Camara Cascudo e a Provincia

Adherbal França

(Da Academia Norte Riograndense de Letras)

A provincia está para Luis da Camara Cascudo como um angulo essencial de sua vida de escritor. Bem cêdo poderia tê-la deixado na monotonia de seus poucos frutos intellectuais, fixando nos oentros de irradiação trepidante as atividades de seu poder espiritual. O dominio da vontade de pesquisar, que não tardou em manifestar-se para evolução pronta e brilhante, inicialmente o fez cronista em função da critica literaria e ensaísta de outros assuntos, por onde penetrou o vasto campo da historia.

Grandes figuras do passado, e outras ainda viventes, deixaram as fronteiras provincianas, procurando longe da terra berço onde melhor satisfizessem a curiosidade de saber, atraídos para as culturas profundas e produtivas. Luis da Camara Cascudo, se possuiu tais intenções, não teve recursos para realiza-las, dominando-se da aventura de avançar num terreno de estudos pacientes, permanecendo num meio onde as fontes da indagação historica não podiam ter a multiplicidade desejada e necessaria.

Dessa circumstancia o trabalho da pesquisa em que se firmou, logo mais tarde, o historiador e comentador das tradições sociais brasileiras, tornou-se mais difficil, ingrato e dispendioso, detalhe este importante na vida e na obra dos intellectuais pobres.

Em Luis da Camara Cascudo obstinou-se a tarefa de obter pela correspondencia privada sistematica, num metodo quasi só e fatigante de consultas seguidas, os elementos fundamentais de seu trabalho quotidiano. Assim fez-se, depois do critico e do ensaísta, o folklorista insigne, o etnografo notavel, cujo nome, por sugestões e indicações exponenteas, participa dos mais respeitaveis cenaculos brasileiros e internacionais dos estudos da etnografia e do folk-lore.

Não foi, como Gilberto Freyre, viver a mocidade na grandesa florescente da cultura norte americana, e trazer para Pernambuco e o Brasil, a valiosa oferta de uma obra sociologica puramente brasileira, abeberada na alma provinciana. Da terra humilde não se afastou para viajar, nem o fogofatuo metropolitano o seduziu. No mesmo clima da infancia e da adolescencia continua a sorrir e a estudar, conversador magnifico, orador claro e brilhante. Rodeiam-no livros e amigos, procuram-no em sua casa os mais illustres visitantes da cidade, correspondem-se com ele as mais nobres figuras do pensamento no Brasil e no estrangeiro. Só depois dos quarenta anos teve a emoção de viajar

(Conclue na pag'na seguinte)

Luiz da Camara Cascudo no meio da musica

Waldemar de Almeida

(Da Academia e do Instituto de Musica)

O interesse de Luis da Camara Cascudo pelo cultivo da musica vem desde o tempo das calças curtas. Não havia reunião na villa do Tirol para a qual os pianistas da terra não fossem convocados todos... Os rapazes e moças que propalavam tocar pelas partituras eram bem marcados para uma "prova" antes de terminar a reunião. Vinham então os modinheiros... "Quem debalde esquecer-te da memoria". "Ré" maior, passa para "si" menor; é melhor em "lá" e depois é "fá" sustenido menor... e o pianista, que conhecia as notas no pentagrama, embatucava e dizia vencido, com o rosto lustroso de suor: "isto só por musica". Vinha outra moda. "A pequena cruz do teu rosario." Escolhiam outra tonalidade. A cantora ficava esperando enquanto já agora outro pianista tentava "achar" os acordes do tom para o acompanhamento. Esforço inutil. O rapaz estendia os dedos sobre o teclado e a moça cantava, a meia voz, ensaiando o solo que jamais era harmonizado com os acordes tardios e tímidos do pianista. Gritavam, então, por Camara Cascudo, que acodia solene e vitorioso, tomava conta do teclado, dispensava o ligeiro ensaio, mandava o solista iniciar e a modinha saía

(Continúa na pagina seguinte)

fôra de seu país, numa honrosa missão cultural ao Uruguai, já se lhe annunciando outra á Europa. Mas voltou sem demora á provincia. E na sua Natal, que tantas vezes tem descrito em detalhes, cuja existencia desde os primordios já desdobrou em panoramas reais na sua avultada obra historica, Luis da Camara Cascudo continua a escrever, disputado pelos editores, vitima, tambem do velho e incontido esbulho dos direitos autorais. Lê, conversa e trabalha. E' cada vez mais um erudito preso á teia imensa de suas consultas e elucidações. Na provincia fundou a Sociedade Brasileira de Folklore, marco de uma organização internacional de pesquisa dos fatos mundiais da tradição e da cultura.

A provincia tornou-se para Luis da Camara Cascudo uma concentração fecunda de indagações historicas, desdobrando-se no ambito nacional atravez da sua obra de estudos e analise, das suas traduções, em que o interesse regionalista não se afasta da orbita coletiva para restaurar fontes e enredos da cultura do país. A serie das obras já publicadas e em preparo de Luis da Camara Cascudo, o seu vasto trabalho esparso, oral e escrito, aí estão, numa curva ascendente, refletida sobre o nome e os horisontes do Rio Grande do Norte.

melódica e bem amparada pelos acordes, harpejos e, de vez em quando, pelas "falsas", acentuadas a proposito, para maior sabor do acompanhamento.

Nessa época que não vai ainda muito longe, brilhavam como bons acompanhadores de modinhas ao piano, Aurelio Flavio, que iniciou corajosamente o emprego dos acordes invertidos e cujos dedos abrangiam facilmente os acordes de nona sem harpejar, Olavo Gluck, que quasi só se servia das teclas pretas do piano, encantando a gente com o timbre novo que por isto conseguia do instrumento, e Cussy de Almeida, que, por ser canhoto, tinha uma grande facilidade em florear os acompanhamentos, fazendo o piano imitar quasi cem por cento, o violão. Camara Cascudo, o mais moço de todos, salvo, talvez, Olavo Gluck, fazia parte desse primeiro time e não se satisfazia em ficar perito exclusivamente em acompanhamentos. Tomou lições de piano com Alexandre Brandão e, apesar de não ter muita alegria com o estudo das normas teoricas de Musica, venciam facilmente os exercicios do primeiro volume de Czerny e teimava em tocar numa hora as sessenta lições do "Pianista Virtuoso."

Transformou a casa de seus pais num Consulado, onde, todos os concertistas que tinham a coragem de vir a Natal, ficavam comendo e dormindo enquanto não se realizava o concerto.

Augustinho Barrios, o celebre violonista indio, tocou muitos solos acompanhado por Luis da Camara Cascudo. Na sua casa ouvimos pela primeira vez Chopin, pelas mãos da senhora Gobat, que, nessa época, foi para muita gente uma Guiomar ou uma Madalena.

Pelo Natal e Ano Bom as primeiras exibições dos nossos Fandangos, Bumba meu Boi, Congos, e Lapinhas, eram realizados sistematicamente em frente á sua residencia e quem se interessava por essas danças populares corria á Vila Cascudo e encontrava o filho unico da casa com lapis e papel em punho, conversando com interesse e entusiasmo com os personagens do auto.

Era a semente do folklorista que se estava plantando. E a mão que a plentou foi boa. A arvore cresceu exuberante e á sua sombra foi que se reuniu Mario de Andrade, o maior musicologo nacional, Antonio de Araujo Lima e Renato Almeida, catando, com curiosidade, novidades de nossas cirandas, autos, etc.

Buscando seus frutos chegam encomendas do Mexico, do Uruguai, dos Estados Unidos, e Camara Cascudo exporta com alegria todo esse material folklorico, mandando que as promissorias sejam creditadas em nome da propaganda cultural do Estado do Rio Grande do Norte.

Sua mania musical fez com que, quando diretor do órgão official "A Republica", isto ha mais ou menos quinze anos, quando em Natal ninguem podia imaginar sequer a possibilidade de Estação Radiofo-

nica, instalasse no seu gabinete um serviço de transmissão musical pelo telefone e ás onze horas, meia noite e mais tarde ainda, para fugir ás cancelas das responsabilidades, pedia pelo telefone que lhe tocassem Bach, só Bach; o João Sebastião Bach das Tocatas e das Fugas.

Todo Natal dormia e a musica do Taumaturgo partia pelo fio telefonico para a redação do jornal.

Quando da fundação do Instituto de Musica do Rio Grande do Norte, foi o primeiro que se entusiasmou verdadeiramente pela idéa, a ela emprestando toda uma simpatia desinteressada, demonstrada na colaboração da exposição de motivos que antecipou a sua instalação, e pouco depois como professor de Historia da Musica no nosso unico estabelecimento de ensino artistico.

Data dessa época o inicio das Paysagens de Leque. Nenhuma teria sido escrita se não fosse a insistencia quasi sempre autoritaria de Camara Cascudo que, dada a displicencia constante do autor, arrastou-o certa vez ao piano, á força e aos empurrões, ouvindo o tema a desenvolver gritado repetidas vezes :

"Na verde grama

Vôam as borboletas brancas,

Na verde grama"...

— Vamos, musique isto. Ponha isto em sons. Dê uma idéa sonora disto no piano. Só se levanta daí quando o fizer."

Assim surgiu a primeira "paysagem de Leque" e a segunda da serie, composta poucos dias depois, naquela época em que o autor não lhes encontrava real interesse, foi salva do cesto pela interferencia exaltada de Camara Cascudo.

Hoje as "Paysagens de Leque" são em numero de oito e se a sua audição interessou fóra do país e se a "Enciclopedia de Musica" as registrou com simpatia, o autor tem menos merecimento do que o padrinho das composições.

Como cultor diletante da musica, admira-se mais em Camara Cascudo a prodigiosa memoria auditiva. Ouvido uma vez um "Arabesque" de Debussy ou um "Preludio" de Prokofief, torna-se, para a segunda audição, um critico autorizado e se houver um pequeno deslize de execução, é imediatamente observado e o interprete recebe um piscar de olho denunciador.

Foi esta a razão de não nos surpreendermos bastante quando, colaborando no registro da parte musical de seu "Vaqueiros e Cantadores", observamos que todos os canticos, todas as soífas, eram cantados com as diversas modulações, os multiplos ritmos, sem vacilação, demonstrando uma segurança tonal absoluta.

Dois grandes aspectos da vida e da obra de Luiz da Camara Cascudo

M. Rodrigues de Melo
(Da Sociedade Brasileira de Folclore)

Quando fazemos a apologia da cultura, da intelligencia e do valor de Luiz da Camara Cascudo é bem possivel que o façamos sob o imperio dos mais variados fatores, cada qual mais forte e decisivo, dada a identidade de idéias e pontos de vista que nos unem e aproximam.

E' bem possivel isto.

Mas daí para sermos conduzido e influenciado por interesses pequeninos e passageiros, há realmente uma grande distancia.

E isto por duas razões muito simples. Primeira, pela nossa falta de vocação para o elogio encomendado. Segunda, pela grande afinidade e pela grande afeição que sempre nos ligaram a nós e a ele.

Essas afinidades e afeições são tão fortes que chegam mesmo a servir de entrave a qualquer julgamento falso que porventura um de nós tentasse fazer do outro.

Por tudo isso sentimo-nos perfeitamente á vontade para falar de Luiz da Camara Cascudo sem nenhuma reserva, sem nenhum constrangimento, sem esconder uma só nuance do pensamento, sem mistificar, sem iludir, mas tambem sem ampliações exageradas, sem elogios desmedidos, sem bajulação torpe, sem engrossamento.

Esse carater de intimidade está mais de accordo com o nosso feitiço de realista sentimental, com o nosso temperamento afetivo, com a nossa sinceridade, com a nossa alma, com o nosso coração, com a

(Continua na pagina seguinte)

Admira os nossos melhores compositores e mantem relações intimas com Vila Lobos, Francisco Mignone, a quem frequenta amiudadamente quando no sul, dá-se com Sousa Lima, a quem não aceita como regente e sim como pianista, Luis Heitor, catedratico de Folklore da Escola Nacional de Musica, Renato Almeida, autor da mais perfeita e completa "Historia da Musica Brasileira."

Camara Cascudo no meio da Musica é mais um desmentido categorico á afirmativa de muita gente bôa, que lê e aprende e cõla, além de um anel no dedo, o distico denunciador de uma grande intelligencia : "Piano não assenta bem pra homem"...

"Pai Joaquim é pai alegre, ai esquibamba ! "...

nossa 'nteligencia, com a nossa compreensão dos problemas da liberdade e da dignidade da pessoa humana.

Luiz da Camara Cascudo não precisa de elogios para viver intelectualmente. O seu nome, a sua cultura, os seus livros, a sua permanente atuação na imprensa, na tribuna e no livro, já por si definem a sua personalidade mental.

Porisso mesmo é que envês de estarmos mantendo a ilusão de sermos bastante adiantados, a ponto de desprezarmos ou negligenciarmos o seu grande trabalho de folk-lorista e etnografo, devemos, pelo contrario, ter a certeza de que somos supinamente atrasados, pois somente agora é que chegamos a perceber que o escritor de vinte e cinco anos de profissão, de sacrificios e renuncias é realmente um valor que honra não só o Rio Grande do Norte como o Brasil e o Mundo.

Não há exagero nessa afirmação. Precisamente há 25 anos é Luiz da Camara Cascudo considerado pelos maiores criticos do Brasil uma das figuras mais expressivas da vida mental brasileira. Ali estão as opiniões dos criticos mais acatados para comprovar o nosso acerto. Isto, no entanto, não mudou até hoje a mentalidade dominante na Provincia de que *a prata de casa não tem valor...*

Em compensação, essa mentalidade de escravo, esse espirito de negação e conformismo, essa falta de personalidade, esse pessimismo doentio e inferiorizado que tem feito desgraçadamente retardar os mais nobres e elevados empreendimentos em beneficio da nossa terra e da nossa cultura, todos servem apenas para evidenciar uma coisa: que andamos muito atrasados, que ignoramos em grande parte a vida e a obra do escritor potiguar, que vivemos alheios á sua vida mental, ás suas preocupações, aos seus projetos, á sua evolução intelectual, enfim, que vivemos indiferentes e insensíveis a tudo quanto fala de nós, a tudo que se passa e realiza em torno de nós, do Rio Grande do Norte, do Brasil e do seu povo.

Se fizéssemos um *test*, um simples *test* para criança no primeiro periodo escolar, perguntando a muita gente culta, quais os livros que conhece do escritor norte-rio-grandense, talvez muitas das respostas deixassem bastante a desejar por falta de precisão e conhecimento.

Envês do *test*, porém, preferimos publicar, a titulo de informação, a lista de todos os livros e instituições a que pertence o escritor Camara Cascudo, prestando assim um relevante serviço á cultura do Estado, como contribuindo para melhor conhecimento da vida e da obra do tutor de VAQUEIROS E CANTADORES.

Eis os dois aspectos incontestavelmente importantes da vida e da obra do escritor Camara Cascudo: os livros e as instituições culturais a que pertence.

LIVROS PUBLICADOS

- 1 — ALMA PATRICIA — Natal — 1921.
- 2 — JOIO — Natal — 1924.
- 3 — HISTORIAS QUE O TEMPO LEVA — São Paulo — 1924.
- 4 — LOPEZ DO PARAGUAI — Natal — 1927.
- 5 — VIAJANDO O SERTÃO — Natal — 1934.
- 6 — EM MEMORIA DE STRADELLI — Manáos — 1936.
- 7 — GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE — Natal — 1939.
- 8 — VAQUEIROS E CANTADORES — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.
- 9 — INFORMAÇÃO DE HISTORIA E ETNOGRAFIA — Recife — 1940.
- 10 — ANTOLOGIA DO FOLK-LORE BRASILEIRO — Liv. Martins Editora — São Paulo.
- 11 — OS MELHORES CONTOS POPULARES DE PORTUGAL — Dois Mundos Editora Ltda., São Paulo — 1944.
- 12 — CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL — Americ Editora — Rio.
- 13 — HISTORIA DO RIO GRANDE DO NORTE — Natal.
- 14 — HISTORIA DA CIDADE DO NATAL — Natal.
- 15 — LENDAS DO BRASIL.
- 16 — GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS .
- 17 — CONDE D'EU — São Paulo — 1933. ..
- 18 — O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO — Col. Brasileira — São Paulo — 1938.
- 19 — MONTAINE E O INDIO BRASILEIRO — Cadernos da Hora Presente — São Paulo.
- 20 — HENRY KOSTER — VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL — Tradução e notas de L. da C. C. — Col. Brasileira — São Paulo — 1941.
- 21 — HISTORIA DA LITERATURA ORAL DO BRASIL — No prelo.
- 22 — DICCIONARIO DO FOLK-LORE BRASILEIRO — Mais de mil paginas, em vias de conclusão.
- 23 — OS MITOS DA TARTARUGA AMAZONICA E OUTROS ENSAIOS, de Charles Frederik Hartt, tradução e notas de L. da C. C. Editora AGIR — Rio.
- 24 — CONTOS POPULARES DE ANGOLA, de Heli Chaterlain, tradução e notas de L. da C. C.
- 25 — TRADIÇÕES E FESTAS POPULARES, de Melo Moraes Filho, prefacio e notas de L. da C. C. — Liv. Brigueiet — Rio.

- 26 — CONTOS POPULARES DO BRASIL, de Silvio Romero,
prefacio e notas de L. da C. C.
- 27 — CANTOS POPULARES DO BRASIL, de Silvio Romero,
prefacio e notas de L. da C. C.
- 28 — POESIA POPULAR BRASILEIRA, de Silvio Romero,
prefacio e notas de L. da C. C.
- 29 — O DOUTOR BARATA, Imprensa Oficial — Bahia — 1938.

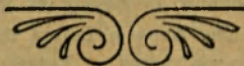
INSTITUIÇÕES CULTURAIS :
NACIONAIS :

- 1 — Instituto Historico Brasileiro
- 2 — Instituto Historico de Minas Gerais
- 3 — Instituto Historico da Bahia.
- 4 — Instituto Historico do Rio Grande do Sul
- 5 — Instituto Arqueologico de Pernambuco
- 6 — Instituto Historico do Pará
- 7 — Instituto Historico do Ceará
- 8 — Instituto Historico de Alagoas
- 9 — Instituto Historico do Amazonas
- 10 — Instituto Historico da Paraiba
- 11 — Instituto Historico do Rio Grande do Norte
- 12 — Academia Norte-Riograndense de Letras
- 14 — Academia Alagoana de Letras
- 14 — Academia de Letras do Acre
- 15 — Academia de Letras do Pará
- 16 — Academia de Letras do Rio Grande do Sul
- 17 — Academia de Ciencias e Letras de São Paulo
- 18 — Sociedade Capistrano de Abreu do Rio de Janeiro
- 19 — Centro de Ciencias Artes e Letras de Campinas, S. Paulo
- 20 — Centro de Ciencias Artes e Letras de Curitiba, Paraná
- 21 — Sociedade de Geografia do Ceará
- 22 — Instituto de Estudos Genealogicos de São Paulo
- 23 — Sociedade Brasileira de Folk-Lore
- 24 — Instituto Historico de Sergipe
- 25 — Academia de Letras da Paraiba
- 26 — Academia de Letras de Niteroi
- 27 — Instituto Historico do Piauí

ESTRANGEIRAS :

- 1 — Folk-Lore Society of London
- 2 — American Folk-Lore Society
- 3 — American Academy of Political and Social Science of
Philadelphia (U. S. A.)
- 4 — Sociedad de Folk-Lore del Uruguay

- 5 — Instituto de Glotologia e Folk-Lore da Universidade de Córdoba, Argentina
- 6 — Departamento de Folk-Lore do Instituto de Cooperação Universitaria de Buenos Aires
- 7 — Fraternité Balzacienne, de Montevidéo, Uruguai
- 8 — Sociedade de Folk-Lore da Irlanda
- 9 — De Gaea, Sociedade Argentina de Estudos Geograficos, de Buenos Aires
- 10 — Societé des Americanstes de Paris
- 11 — Academia Nacional de Historia e Geografia do Mexico
- 12 — Instituto Italiano de Estudos Americanos de Roma
- 13 — Instituto Português de Arqueologia, Historia e Etnografia de Lisboa
- 14 — Instituto de Coimbra, Portugal
- 15 — National Geographic Society, de Washington, Estados Unidos da America do Norte



15.482
1917

